

## **DO NEGRISMO À NEGRITUDE: COMPARAÇÃO ENTRE CUBA E A REPÚBLICA DOMINICANA**

Maria de Lourdes Otero Brabo Cruz  
UNESP (Assis)

Pretende-se neste trabalho estabelecer o percurso do negrismo à negritude, analisando-se a instalação de uma consciência negra principalmente nas poesias de Nicolas Guillén (Cuba) e Manuel Del Cabral (República Dominicana). A produção desses autores revela uma percepção bem diferente do negro em suas obras, advindas de distintas vivências experimentadas em seu ambiente sócio-cultural, bem como do posicionamento próprio de cada autor.

Guillén mostra-se revolucionário, promotor de mudanças frente à realidade que flagra em suas poesias, registro do negro cubano e valorizador de sua presença cultural, até então camuflada pela sociedade preconceituosa da época. Del Cabral apresenta-nos outra condução, que nos permite captar o grau de preconceito vigente na sociedade, mas que não estabelece uma relação de proximidade entre o negro dominicano e suas composições, marcadas pela presença exótica do negro cocolo ou haitiano. Portanto é pertinente que nos pautemos pelas seguintes perguntas de pesquisa na presente análise:

- Como Guillén e Del Cabral representam o negro? Qual é o negro por eles representado? Como mediadores culturais, qual a contribuição de Guillén e Del Cabral para a sociedade por eles representada? De que forma o tigre ou tígure se configura na representação do negro nas obras literárias?

Façamos menção a um elemento comum tanto na realidade cubana quanto na dominicana: o açúcar. O açúcar, grito de guerra de Célia Cruz (rainha da salsa), é um elemento que define a realidade caribenha de Santo Domingo e de Cuba, gerando a demanda de trabalhadores braçais

para o trabalho nos canaviais e centrais açucareiras, controladas, a maioria delas, durante o auge do açúcar (dança dos milhões) por companhias norte-americanas. Portanto, essa demanda estabeleceu uma exploração: um novo tipo de escravidão, principalmente com negros haitianos e originários do caribe inglês. A exploração do homem, visando a obtenção de altos lucros, era controlada pelos norte-americanos que, em 1915, realizaram uma intervenção em Cuba (e em Haiti também), e em 1916, em Santo Domingo, com a duração em todos os casos citados de um pouco mais de uma década (oficialmente).

Carreras (1990) assinala que em 1913 começou a nova faceta da escravidão de negros em Cuba e que, naquele momento, os principais traficantes eram as companhias norte-americanas com propriedade no Oriente cubano e em Camagüey. Observe-se como Nicolas Guillén registra esta situação, com agudo senso crítico, apontando a escravidão de que o negro é vítima e a exploração da qual toda a sociedade (negros e brancos cubanos) também o é:

¡Qué largo fulgor de cañas!  
¡Qué látigo el del negrero!  
Piedra de llanto y de sangre,  
venas y ojos entreabiertos,  
y madrugadas vacías  
y atardeceres de ingenio,  
y una gran voz, fuerte voz,  
despedazando el silencio.  
¡Qué de barcos, qué de barcos.  
qué de negros!

**CAÑA**  
El negro  
junto al cañaveral.

El yanqui  
sobre el cañaveral.

La tierra  
bajo el cañaveral.

¡Sangre  
que se nos va!

Manuel del Cabral, ao abordar a mesma temática, permanece no plano do exótico, do ritualístico. A menção que faz nos remete a um ser que pode fazer parte de outro universo sócio-cultural (África, Haiti):

### **Aire Negro**

Y los dulces huesos de la dura caña  
no tienen más miele ni más duros son,

que la carne negra de la negra alegre  
que se alegra a golpes de tambora y sol.  
Sube por su cuerpo de bestia divina  
fuerte olor a tierra. Su respiración  
viene como un viento del ciclón del Cosmos,  
(la emborracha el rito mucho más que el ron).

Sale ya del vientre del tambor la selva.  
Ya la piel del toro muge en el tambor.  
Y contra el silencio de sus ruidos ronc  
la negra desnuda parece una voz.

Carreras (1990) menciona que com a abolição da escravidão em Cuba, em 1896, o negro cubano entra numa segunda fase de luta: conquistar a igualdade social e as oportunidades que o cubano branco tem. Assim, num primeiro momento, podemos observar a crise vivida pelo negro liberto mas sem trabalho, propositalmente descartado para servir como reserva barata às necessidades do mercado. Em março de 1959, Fidel Castro (op.cit.:118) diz:

“Cometemos el crimen de que mientras la sociedad colonial hacía trabajar al negro como esclavo y hacía trabajar al negro más que a nadie, y hacía trabajar al negro sin retribución alguna, en esta sociedad actual, que algunos han querido llamar sociedad democrática, sucede todo lo contrario, se le quiere impedir ganarse la vida trabajando” (Núñez Jiménez, 1982).

Guillén (1930) já vai além da moda negrista e faz uma representação da realidade cubana em *Motivos de Son*, na qual as mazelas são trazidas a público, a dependência do homem em relação à mulher ou a incapacidade em prover o sustento do lar revelam o desemprego a que o negro se via submetido nas cidades. No entanto, tal fato é colocado sem comiseração. Há uma denúncia, mas apesar da injustiça social promovida pela falta de trabalho o negro é forte o suficiente para avançar em sua luta pela sobrevivência (*sin pega y con harina*) ou para manter certos luxos, atitudes próprias do tígure, que estaremos definindo posteriormente.

## NEGRO BEMBÓN

(...)  
Te queja todavía,  
negro bembón;  
sin pega y con harina,  
negro bembón,  
majagua de dri blanco,  
negro bembón,

sapato de do tono,  
negro bembón...

Bembón así como ere,  
tiene de to;  
Caridad te mantiene  
te lo da to.

O poeta apresenta essa atitude de luta ao denunciar a realidade, ao chamar a atenção para a mestiçagem própria de Cuba (e do continente americano), camuflada pela elite dominante. A cor da pele (cueripardos) é uma fração de um todo do qual, culturalmente, fazemos parte (almiprietos). O poeta coloca-se como negro, com a voz do negro, acima dos possíveis insultos e daqueles que tenham tal atitude:

## LA CANCIÓN DEL BONGÓ

Ésta es la canción del bongó:  
- Aquí el que más fino sea,  
responde, si llamo yo,  
unos dicen: Ahora mismo,  
otros dicen: Allá voy.  
Pero mi repique bronco,  
pero mi profunda voz,  
convoca al negro y al blanco,

que bailan el mismo son,  
cueripardos y almiprietos  
más de sangre que de sol,  
pues quien por fuera no es noche,  
por dentro ya oscureció.  
Aquí el que más fino sea,  
Responde, si llamo yo.  
(...)

Em 1908 é fundada a agrupação Independiente de Color, em Havana. Esta se constitui em partido e, em 1912, seus dirigentes fazem brotar uma revolta no oriente cubano devido à insatisfação provocada pelas questões raciais, o que gera, segundo Carreras (1990:82), consequências tais como as humilhações sofridas pelos legisladores negros nas reuniões do Congresso, a prisão de muitos homens respeitáveis por serem negros, a matança de 3000 negros e uma divisão, ainda maior, entre negros e brancos a partir desta data em Cuba.

A dança dos milhões tem lugar de 1917 a 1920 e representa o período de auge dos lucros com o açúcar, o que provoca a necessidade de mão de obra para o corte e colheita da cana (com a entrada de milhares de negros haitianos e jamaicanos em Cuba, com esta finalidade). A queda do preço do açúcar desde 1933 provoca uma crise que faz com que, em 1937, aproximadamente 40.000 haitianos fossem repatriados pelo governo cubano. O racismo prospera de 1945 em diante, e isto se relaciona com a presença de novos investimentos norte-americanos em Cuba (turismo, jogos, prostituição) e a mentalidade racista que os acompanha.

É só a partir de 1959, com a Revolução Cubana, que passa a haver uma integração maior entre negros e brancos, pois a sociedade cubana passa por uma reeducação. Fidel Castro (apud Carreras: 118) verbaliza essa linha de ação: “Yo soy de los que creen que los prejuicios no se combaten con leyes; se combaten con argumentos, se combaten con razones, se combaten con persuasión, se combaten con la educación.”

Mas, décadas antes da Revolução Cubana, Nicolás Guillén já manifestava a negritude através de suas poesias e suas atitudes, como pudemos observar, mostrando-se revolucionário através da sua arte e apresentando atitudes frente ao preconceito racial tão contundentes quanto a sua produção artística. Nicolás Guillén é marco da negritude, mediador de um processo de conscientização da sociedade da qual fazia parte, um artista revolucionário e um educador.

### **EL APELLIDO**

¿Seré Yelofe?  
¿Nicolás Yelofe acaso?  
¿O Nicolás Bakongo?  
¿Tal vez Nicolás Banguila?  
¿O Kumba?  
¿Quizás Guillén Kumba?  
¿O Kongué?  
¿Pudiera ser Guillén Kongué?

### **SON NÚMERO 6**

Estamos juntos desde muy lejos,  
jóvenes, viejos,  
negros y blancos, todo mezclado;  
uno mandando y otro mandado,  
todo mezclado;  
negros y blancos, desde muy lejos,  
todo mezclado...

Já no caso de Santo Domingo, Candelier (1977:267) afirma que os traços culturais negros lá existentes não têm sido valorizados por completo, não houve uma exploração de todo o seu alcance na sociedade dominicana. Apesar do fato de a cultura negra pulsar fortemente na cultura antilhana houve uma tendência de branqueamento imposta pelas elites dominantes. Esse processo é o que também podemos observar na poesia de Manuel del Cabral, considerado o máximo expoente da poesia negra em Santo Domingo.

Em 1931, Del Cabral publica o seu livro *Pilón*, onde aparecem cortadores de cana, provavelmente haitianos ou cocolos. Em 1935, publica 12 poemas negros, que inclui o poema *Sinfonia Negra*, no qual também se pode observar a ausência do negro dominicano e a representação do negro haitiano ou cocolo (Antilhas inglesas):

### **SINFONÍA NEGRA**

Danzan los cocolos bajo los cicales  
y su danza evoca monos de Ceilán.  
Carcajadas blancas rompen la armonía  
de sus tenebrosas carnes de alquitrán.

Nórdicos turistas riendo los contemplan;  
piel color de rosa trópico quemó;  
pipas newyorquinas, tufo de cerveza;  
se tragó la Kodak los Papá-bocó.

Bulle en las haitianas plática de loros,  
viendo como danzan hombres de alquitrán  
y entre sus corpiños tiemblan cocos negros  
que los haitianitos chupan con afán.

Nolasco (apud Candelier, 1977:272) afirma que o negro dominicano é mentalmente branco e que até mesmo os negros haitianos que chegam do país vizinho, após um tempo vivendo em Santo Domingo, consideram que negros são os que estão do outro lado da fronteira (no Haiti). Este branqueamento, já identificado anteriormente como uma imposição da elite governante, ocorre simultaneamente ao processo de estigmatização criado em relação ao haitiano como uma auto-defesa do dominicano, de suas raízes e de sua cultura frente ao país vizinho que invadiu e ocupou a República Dominicana formalmente, de 1822 a 1844, novamente por volta de 1893 e, informalmente, com um forte fluxo migratório, muitas vezes ilegal, desde início do século XX.

O fluxo migratório ilegal torna-se cada vez mais acentuado. Já em 1912, milhares de haitianos tinham cruzado a fronteira ilegalmente, com o conseqüente crescimento da presença haitiana. Em 1920, o estímulo dado pelo auge do açúcar (dança dos milhões) provoca a entrada massiva de haitianos na República Dominicana, não se tendo nenhum controle na zona fronteiriça. Em 1935, procura-se uma definição da fronteira com o Haiti e um melhor controle da entrada da população desse país vizinho.

Em conseqüência dessa situação ocorre em 1937 a matança de haitianos em território dominicano, com aproximadamente 12.000 mortos, segundo Inoa (1999:188). Esta medida é acompanhada por um programa de dominicanização fronteiriça, no qual são acentuadas as diferenças raciais e culturais e enfatiza-se a nação dominicana como a antítese da haitiana. A elite dominante reforça a importância das heranças culturais hispânicas.

É esse contexto que determina e explica a representação do negro efetuada por Manuel del Cabral, na qual está ausente o negro dominicano e quem aparece é o negro haitiano ou cocolo, como se pode observar na mensagem social de Del Cabral (Yo que te vi en la esquina hablando solo,/ Diciendo no sé qué cosa sin gramática), na qual o poeta aponta com comiseração a vivência do negro (a exploração da qual é alvo, o desgaste, a perda) e coloca-se como agente autorizado para tal denúncia (el cascarón del grito que me dieron/en el “mercado negro” de la palabra blanca):

(...)  
Yo que vi entre tus manos el sol endurecido;  
tus centavos de carne que sangraba la tarde,  
sólo para que no se te muriera el alba  
de nueve años que nació en tu catre:  
quiero decir, Colá, que entre tus manos  
te cabe limpiar la palabra padre.

Cómo puedo yo ahora ponerme a escribir versos,  
cómo puedo yo venir a ponerte  
el cascarón del grito que me dieron

en el “mercado negro” de la palabra blanca.

Yo que te vi en la esquina hablando solo,  
Diciendo no sé qué cosa sin gramática,  
Como si te salieran por primera vez,  
todas las palabras inventadas por el hombre;  
(...)

Candelier (1977:289) formula uma comparação entre Manuel del Cabral e Nicolas Guillén, quanto ao posicionamento de cada um destes poetas. Considera que o primeiro não adentra no verdadeiro espírito da negritude, pois se identifica com as mazelas do negro, mas não penetra no seu mundo. Manuel del Cabral fala pelo negro, mas não o faz como negro. O seu olhar revela comiseração, piedade.

Já no caso de Nicolas Guillén, Candelier aponta que o poeta fala do negro como negro, da perspectiva do negro. Assim os elementos negróides utilizados por Guillén, o léxico afro-cubano, os valores afro-cubanos enraizados em Cuba, os valores rítmicos de seu verso colocam-no como marco da negritude. E, pode-se acrescentar que, as atitudes manifestadas pelo negro em sua obra revelam que enfrenta as dificuldades sem provocar pena, pois ao sofrimento impingido pela sociedade contrapõe-se uma atitude de desafio, típica daquele que não se deixa dominar, típica do tigre.

Ortiz (1997:54) refere-se ao fato de que em Cuba não importa ser ou não mentalmente civilizado, mas sim ser astuto, esperto, e frisa que a cultura não intervem em absoluto no êxito dos triunfadores, mas a idiotice, a estupidez (bobería), esta sim é a morte civil em Cuba. Portanto, apesar da opressão o negro cubano é dotado de astúcia, para enfrentar suas condições de vida é necessário ser um tigre, como bem o demonstra Guillén em sua obra. Collado (1992:20) assegura-nos que a palavra tigre foi usada profusamente durante décadas até a Revolução Cubana de 1959, que impôs outros termos no vocabulário político cubano, dando lugar a outros tipos e minimizando a delinquência nas ruas.



Na literatura dominicana o tíguere ganhou terreno desde princípios do século XX. Collado (op.cit.) enumera escritores que citam ou desenvolvem este personagem : Enrique Aguiar, Francisco Domínguez Charro, Rafael Damirón, Mario Emilio Pérez, Pedro Vergés, Manuel Rueda, René del Risco Bermúdez, Fermín Arias Belliard, entre outros. O tíguere constitui uma possibilidade de representação dos mais variados segmentos da sociedade dominicana, inclusive dos negro dominicano, como se pode observar no poema Tíguere, de Francisco Dominguez Charro. O tíguere não tem posses, sobrevive também pela caridade, mas mostra-se rebelde, anárquico, insatisfeito; tal como ocorria com o negro cubano em Guillén.

Tú eres el tíguere simple,  
-personaje y bohemio-  
que nunca ha pretendido razonar.  
Tienes lo que te dan. Lo que sobra:  
Para que esté contenta la caridad!...  
(...)  
Eres el prieto medio centavo  
Sucio de olvido.  
Te parecen un poco a mí,

Con tu algo muy algo,  
De monedita anárquica y poeta.

Yo te recibo. Eres una moneda legal.  
Te reciben mi alma y mi esqueleto  
Porque tú eres la única divisa desligada  
De los bazares locos de acaparamiento:  
Chica, harapienta, nula y sin gloria,  
Pero eres la eterna monedita insatisfecha.

Collado (1992:4) caracteriza o tíguere como um tipo astuto, engenhoso, que surpreende com a magia de uma inteligência pragmática e que se desenvolve em todos os estratos sociais, presente na política, na literatura, no baixo e no alto mundo, no campo e na cidade, no lar e na rua, em todas partes: “Éste no es en sí “un pueblo de tígueres”pero los tígueres forman parte importante del pueblo (...)” (Collado, 1992:123)

A abrangência deste conceito permite-nos, pois, afirmar que este tem sido o tipo prioritariamente representativo do negro dominicano, como parte do povo dominicano, podendo o negro dominicano coincidir ou não com a figura do tigre, como qualquer outro componente do caldo racial dominicano.

## **Bibliografía**

AGUIRRE, M. Un Poeta y un Continente. La Habana: Editorial Letras Cubanas, 1982.

CANDELIER, B.R. Lo Popular y lo Culto en la Poesía Dominicana. Santiago: UCMM, 1977.

CARRERAS, J.A. Esclavitud, Abolición y Racismo. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1990.

COLLADO, L. El Tíguere Dominicano. Santo Domingo: Editora Panamericana, 1992.

GUILLÉN, N. Obra Poética. La Habana: Editorial Letras Cubanas, 1995.

INOA, O. Azúcar, Árabes, Cocolos y Haitianos. República Dominicana: Editora Cole, 1999.

INCHAUSTEGUI CABRAL, H. Escritores y Artistas Dominicanos. Santiago: UCMM, 1978.

ORTIZ, F. El Pueblo Cubano. La Habana: Editorial de Ciencias sociales, 1997.